

# Aspectos filosóficos da educação contemporânea

Sudelmar Dias Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo traz uma discussão a partir dos textos de Theodor Adorno, filósofo do pensamento contemporâneo. Ele irá tecer incisivas críticas à Indústria Cultural como fator limitante da liberdade e autonomia na sociedade. Propõe como alternativa a formação humanística e uma educação que resista à exploração e desigualdades sociais. Critica a Indústria Cultural por transformar a cultura em simples mercadoria utilizada para alienar as massas. Vê na educação um instrumento de emancipação, fornecendo ao homem as condições para refletir criticamente sobre sua realidade e rejeitar as desigualdades. Adorno defende a autonomia e liberdade intelectual, condenando qualquer forma de alienação promovida pela Indústria Cultural e pela educação que esteja submissa ao sistema capitalista. Alertava para a necessidade de uma educação política, capaz de formar consciências críticas e autônomas. O artigo está desenhado por uma abordagem de natureza qualitativa, sendo em seu procedimento uma revisão bibliográfica. Traz a expectativa de tentar estabelecer uma reflexão teórica-argumentativa, no sentido de contribuir com a discussão e compreensão sobre alguns textos de ADORNO, T.W. HORKHEIMER, M, numa perspectiva da educação crítica, desalienada e autônoma em relação à massificação cultural.

**Palavras-clave:** Indústria cultural; alienação; educação.

## *Philosophical aspects of contemporary education*

**ABSTRACT :** *This article presents a discussion based on the texts of Theodor Adorno, a philosopher of contemporary thought. He will make incisive criticisms of the Cultural Industry as a factor limiting freedom and autonomy in society. It proposes as an alternative humanistic training and an education that resists exploitation and social inequalities. He criticizes the Cultural Industry for transforming culture into a simple commodity used to alienate the masses. He sees education as an instrument of emancipation, providing man with the conditions to critically reflect on his reality and reject inequalities. Adorno defends autonomy and intellectual freedom, condemning any form of alienation promoted by the Cultural Industry and education that is subject to the capitalist system. He warned of the need for political education, capable of forming critical and autonomous consciences. The article is designed using a qualitative approach, with its procedure being a bibliographic review. It brings the expectation of trying to establish an argumentative theoretical reflection, in order to contribute to the discussion and understanding of some texts by ADORNO, T.W. HORKHEIMER, M, from a perspective of critical, alienated and autonomous education in relation to cultural massification.*

**Keywords:** *Cultural industry; alienation; education.*

## *Aspectos filosóficos de la educación contemporánea*

**RESUMEN:** *Este artículo presenta una discusión a partir de los textos de Theodor Adorno, filósofo del pensamiento contemporáneo. Hará críticas incisivas a la Industria Cultural como factor limitante de la*

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Educação pela Universidade Americana e revalidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Docente no IFBaiano - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Governador Mangabeira. E-mail: sudelmar.fernandes@gmail.com.

*libertad y la autonomía en la sociedad. Propone como alternativa una formación humanística y una educación que resista la explotación y las desigualdades sociales. Critica a la Industria Cultural por transformar la cultura en una simple mercancía utilizada para alienar a las masas. Ve la educación como un instrumento de emancipación, que proporciona al hombre las condiciones para reflexionar críticamente sobre su realidad y rechazar las desigualdades. Adorno defiende la autonomía y la libertad intelectual, condenando cualquier forma de alienación promovida por la Industria Cultural y la educación sometida al sistema capitalista. Advirtió sobre la necesidad de una educación política, capaz de formar conciencias críticas y autónomas. El artículo está diseñado desde un enfoque cualitativo, siendo su procedimiento una revisión bibliográfica. Se trae la expectativa de intentar establecer una reflexión teórica argumentativa, con el fin de contribuir a la discusión y comprensión de algunos textos de ADORNO, T.W. HORKHEIMER, M, desde una perspectiva de educación crítica, alienada y autónoma en relación a la masificación cultural.*

**Palabras clave:** *Industria cultural; alienación; educación.*

## **Introdução**

De modo geral, o século XIX foi um período abalizado por grandes certezas e isso fica evidente a partir da clara convicção no poder imperativo da razão humana, e, esta concepção será exposta no pensamento da maioria dos filósofos. A comunidade científica, radiante pelas conquistas oriundas dos avanços tecnológicos, o capitalismo, através da sua classe hegemônica, a burguesia, entusiasmada e eufórica com a expansão e consolidação das fábricas, e, por conseguinte, o surgimento dos grandes monopólios industriais, ratificam o poder desta nova ordem econômica.

O romantismo comemora a crescente valorização dos sentimentos estruturados pelos empreendimentos nacionalistas. O socialismo surge como alternativa de poder ao capitalismo e a apropriação privada dos meios de produção, se insere de forma real em alguns países do leste europeu. Sigmund Freud cria a Psicanálise, dando origem a uma psicologia do inconsciente que determina a suspeita sobre as certezas racionais das questões humanas (COTRIM, 2010).

Para Cotrim (2010), ainda neste período há significativos avanços tecnológicos: a expansão bélica, a tecnologia da informação e, com isso, o aprofundamento da exploração do homem e dos recursos naturais, contribuindo para a violenta consolidação das desigualdades sociais, trazendo medo e incertezas. Porém, dá-se também neste contexto, a quebra da razão como valor absoluto. Igualmente, pode-se dizer que este período traz certa desconfiança às certezas e benefícios, até então inquestionáveis, da racionalidade científica. Percebe-se a afirmação de um discurso ético quando questiona os supostos benefícios da tecnologia e das ciências, que, em muitas situações,

está a serviço da exploração humana, da degradação ambiental, estimulando a competitividade egóica entre as pessoas e o esgotamento dos recursos naturais.

Isso tudo vai se refletir na produção intelectual e no pensamento filosófico contemporâneo, tendo em um de seus mais expressivos representantes o filósofo Theodor Adorno (1903-1969).

## **1. Aspectos da educação na filosofia de Theodor W. Adorno.**

Adorno nasceu na Alemanha, e dedica sua produção teórica à ideia da necessidade da formação humanística na sociedade, capaz de criar a percepção racionalista de mundo. Tornou-se um dos fundadores da Escola de Frankfurt fundada na década de 1920, que surge na Alemanha como movimento de caráter crítico ao marxismo e à psicanálise.

Adorno, juntamente com outros filósofos, busca compreender a dinâmica da indústria capitalista. Neste sentido, é necessário reconhecer as críticas que o autor faz à hegemonia da indústria cultural, percebida como algo responsável por limitar a capacidade humana de atuar com liberdade e autonomia na sociedade. E, a partir destas reflexões irá propor mudanças na forma como a sociedade deve refletir sobre este problema.

Assim, Aranha comenta:

A escola de Frankfurt é responsável pela formação da teoria crítica da sociedade. Seus principais temas de natureza sociológico-filosófica são a autonomia, o autoritarismo, o totalitarismo, a família, a cultura de massas, o papel da ciência e da técnica, a liberdade. Seus representantes partem da convicção de que os ideais da razão emancipadora sonhados pelos filósofos iluministas do século XVIII não foram ainda atingidos. Ao contrário, sofreram desvios perversos na sociedade em que a ciência e a técnica se encontram a serviço do capital e em que se procede à dominação da natureza e do ser humano para fins lucrativos (ARANHA, 2014, p. 272).

A começar por este entendimento, se configura uma postura crítica de Adorno com relação à lógica perversa da indústria cultural capitalista, presente em um de seus textos intitulado “Educação e Emancipação”, em que se encontra uma série de debates e reflexões feitas pelo autor articulando a temática da educação numa perspectiva para formação humana. Em consequência do exposto, mesmo Adorno não sendo um especialista das questões educacionais, um teórico do tema, acaba por adentrar nos problemas que envolvem a educação.

Na referida obra Adorno basicamente tece seus comentários a respeito do modelo educativo alemão, entretanto este estudo apresentado pelo autor, ao tematizar os grandes contrastes presentes no sistema capitalista, facilmente se encaixam na realidade atual da educação, ou seja, naquilo que envolve diversas problemáticas humanísticas da educação. Assim, ele vai propor a educação como uma espécie de instrumento de resistência ao fracasso cada vez mais crescente da civilização humana na atualidade.

Na visão adorniana, a intenção da educação será tornar o homem apto para refletir sobre sua realidade de forma a instrumentalizá-lo num processo constante de análise crítica. Com isso, estaria preparado para rejeitar as condições de desigualdades sociais como sendo algo da ordem da natureza, levando-o a compreender que somente ele, humano, é responsável pelos caminhos de seu destino.

O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito a características do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço (ADORNO, 2006, p. 11).

Partindo então deste enfoque, é necessário se entender as teses de Adorno em relação às críticas feitas à indústria capitalista e à banalização dos bens culturais, numa aproximação com a temática da educação. O tema da educação aparece pela primeira vez na obra de Adorno em 1947, através do texto “*A Dialética do Esclarecimento*”, escrito em conjunto com Max Horkheimer (1895-1973), igualmente participante da escola de Frankfurt. Nesta obra eles vão desenvolver estudos no sentido de identificar as origens do processo de esclarecimento. Deste modo, farão investigações também a respeito do desenvolvimento histórico do pensamento humano, inclusive sua incursão pelo período mítico, adentrando ainda na fase racional e técnica. E como resultado, vão assegurar, sobretudo, que o esclarecimento é a maneira do homem encontrar e se relacionar com a natureza.

Infere-se, portanto, a partir destas premissas, que ao longo dos tempos o homem acreditou que seu pensamento estava em constante evolução, em consequência disso, seu conhecimento sobre a natureza também cresceria, habilitando, por conseguinte, para exercer uma total supremacia sobre a natureza. Em outras palavras, Adorno e Horkheimer (1985, p. 5), comentando Bacon e Lutero,

dizem que “poder e conhecimento são sinônimos”. No sentido mais amplo, tal poder que reverbera o domínio sobre a natureza se consolidava a cada conquista, a cada novo espaço dominado, porque ele, agora esclarecido, conhece o saber, e isso, traz poder.

Desta argumentação, imediatamente aparece um problema: ao se reconhecer a similaridade entre poder e saber o conhecimento em essência pura desaparece, porque este saber transformou-se em mero instrumento da ação que movimenta o domínio sobre a natureza.

A falta de razão não tem palavras. Eloquente é a sua posse, que estende seu domínio através de toda a história manifesta. A terra inteira dá testemunho da glória do homem. Na guerra e na paz, na arena e no matadouro, da morte lenta do elefante, que as hordas primitivas dos homens abatiam graças ao primeiro planejamento, até à exploração sistemática do mundo animal actualmente, as criaturas irracionais sempre tiveram que fazer a experiência da razão. Esse processo visível esconde aos carrascos o processo invisível: a vida sem a luz da razão, a vida dos animais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 115).

Parece que esta característica de dominação é o que movimenta o ser humano por toda a sua existência. Sem dúvida, o que os autores afirmam é que já nos primeiros momentos da humanização houve uma aparente necessidade de domínio da natureza, com isso lhe garantisse a sobrevivência e certa tranquilidade. Mesmo porque, os acontecimentos da natureza poderiam surpreendê-lo a qualquer momento, chegando a lhe tirar a vida, lhe trazendo, por isso, temor.

Neste contexto, é inevitável o homem não se angustiar em função da sua situação de vulnerabilidade frente às forças da natureza, numa permanente incerteza com relação ao seu futuro, “[...] , seu medo e fraqueza, sua maior afinidade com a natureza em razão da pressão incessante a que estão submetidos, é seu elemento vital” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 53). Esta incerteza é a fonte geradora das angústias, mas tem no uso da razão a ferramenta que permite a redenção deste lugar de medo, que o atormenta. A partir da racionalização, agora consciente de seu domínio acerca da natureza, ele passa da condição de dominado pelas forças da natureza para dominá-las.

Adorno e Horkheimer defendem a ideia de que estão presentes também nas mesmas explicações trazidas pela mitologia sobre o controle da natureza, similaridades com relação às ciências racionais. Pois, estas também querem explicar a natureza sob condições submissas a normas e leis por ela criadas. Por consequente, o saber mitológico, ao se transformar em esclarecimento, oferece as condições com as quais o homem comece a crer na ciência e no total

domínio da natureza, todavia “O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 7), nesta sequência a natureza deixa de ter seu valor e passa à condição de simples objeto. O homem apenas estuda a natureza e a entende com a única finalidade de buscar sua dominação. Entretanto, esta prática não é capaz de produzir um saber maior.

No contexto posto, estas questões acabam gerando um tipo de conhecimento provocador de destruição e degradação do planeta, estimulando um número maior de catástrofes ambientais. Como consequência das enormes devastações da natureza, o homem contemporâneo parece querer acordar de sua miopia racionalista, passando a ter maior consciência e refletindo sobre as desastrosas intervenções realizadas na natureza. Isso provoca inevitáveis reações das forças do planeta e, na maioria das vezes, não podem ser controladas, nem mesmo previstas.

Esta falsa ilusão de poder sobre as forças da natureza, bem como na mesma ordem de controle dos organismos que compõem a sociedade, reflete nas escolas e são potências problematizadoras com a educação. Há, portanto, na contemporaneidade, em função da hegemonia do paradigma positivista-racionalista, uma contundente aproximação das ciências com os estados do sagrado mitológico dos primórdios da civilização (MORAES, 2004), isto se colocando a serviço do homem na tentativa de chegar a uma verdade. O verdadeiro conhecimento, para o homem contemporâneo, deve seguir as leis e as regras concebidas e ditadas pelo rigor do método científico. Estes métodos são praticamente mandamentos prescritos como dogmas religiosos, que todos têm a obrigação de acatar. No dizer de Adorno:

Outrora, enquanto exigência de nada aceitar sem verificação e comprovação, ela significava liberdade, emancipação da tutela de dogmas heterônimos. Atualmente ciência se converteu para seus adeptos em uma nova forma de heteronomia, de modo que chega a provocar arrepios. As pessoas acreditam estar salvas quando se encontram conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência (ADORNO, 2006, p. 70).

Outra discussão que se abre nesta temática, na medida em que o homem deixa sua condição de dominado pela natureza e transforma-se, agora, para a condição de subjugado por outro homem, através de arsenais de tecnologia, faz amplificar o debate. Assim, em sua luta para conquistar a natureza exterior o homem necessita domar essencialmente sua natureza interior, ou seja, adestrar os seus instintos e alterar sua atitude, passando a ter uma vinculação bastante diferente daquela que

exercia nos primórdios. Este adestramento é, sem dúvidas, o resultado do poder coercitivo e violento, forte o suficiente para que o homem decline de seus instintos. “As massas desmoralizadas por uma vida submetida à coerção do sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 72). Em seu projeto de dominação, o capitalista necessita utilizar ampla e eficaz força sobre as massas, capazes de subjugar a maioria dos homens, obrigando-os a trabalhar, fazendo-se valer de seu instrumental pelo vigor físico.

Outra forma de controle social, no dizer dos autores, será composta pela parte da sociedade detentora de conhecimento. Assim sendo, para Adorno e Horkheimer (1985), a finalidade primeira do esclarecimento, que estava inicialmente voltada para a liberdade, vai produzir outro tipo de submissão. Percebe-se então, por meio do instrumental técnico da razão a elaboração de um único modo de pensamento alienante. Este pensar, outrora se ligava ao desejo de liberdade, adquire componentes totalitários em função de seu enfraquecimento, submetido que foi à alienação pela técnica do conhecimento. Com efeito, o modelo de educação onde os homens na modernidade estão sendo obrigados a se submeter não lhes proporciona nenhuma perspectiva, seja de liberdade, seja de autonomia de pensamento, senão dependência e alienação, tanto intelectual quanto material.

Outra questão bastante trabalhada por Adorno e vai surgir em 1947 sob a nomenclatura de indústria cultural, no seu texto “*Dialética do esclarecimento*”, pretende discutir a impossibilidade e as contradições que perpassam pela chamada cultura de massas. Adorno vai dizer que toda cultura é basicamente, em sua origem, a mesma. Porém, por causa das muitas revoluções tecnológicas em que a indústria cultural está inserida, isso faz a cultura passar a ter simples características de mais uma mercadoria. Para o autor, os termos indústria e cultura, já em sua definição, se apresentam de forma incompatível entre si. Em vista disso, é impraticável para a indústria com todo seu arsenal técnico produzir verdadeiramente cultura. Sabendo que ao se criar objetos em larga escala de produção industrial o propósito é vender também em grandes proporções, e não a cultura em si.

Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. Isso, porém, não deve ser atribuído a nenhuma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia actual. A necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central já é recalcada pelo controle da consciência individual (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 57).

Uma questão central nesta discussão vai ser o posicionamento dos autores, colocando-se contra a defesa feita pela grande burguesia de que a industrialização possibilitaria a democratização da cultura, na medida em que um contingente maior de pessoas tem acesso à obra cultural. Em sua argumentação, os autores esclarecem: “A eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação dos bens culturais não introduz as massas nas áreas de que eram antes excluídas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 76).

Portanto, na visão dos autores, a venda da cultura como um bem em série faz a cultura perder sua capacidade de despertar nas pessoas a reflexão subjetiva, tendo apenas a função de divertimento, enquanto sua mente é massificada por um conjunto de informações alienantes. Fazendo com que os indivíduos se tornem impotentes diante de sua própria cultura: “[...] mas serve, ao contrário, nas condições sociais existentes, justamente para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência bárbara” (Idem). Igualmente, a indústria cultural está a serviço do processo de barbárie que se instalou historicamente em algumas sociedades.

Através da comercialização cultural em larga escala, a burguesia, servindo-se deste artifício, busca alienar a sociedade, impede sua autonomia intelectual, impondo-lhe informações que atenuam as ações críticas, fazendo com que as massas esqueçam a sua condição de explorados e oprimidos. Desviando a atenção popular com assuntos de conteúdos frívolos.

Por certo, em função do processo de massificação ideológica imposta pela indústria cultural, longe de fabricar apenas produtos, também, através da indústria de comunicação, estimula a necessidade de consumir cada vez mais mercadorias. Em continuidade a esta ideia, Adorno fala:

O novo não é o caráter mercantil da obra de arte, mas o fato de que, hoje, ele se declara deliberadamente como tal, e é o fato de que a arte renega sua própria autonomia, incluindo-se orgulhosamente entre os bens de consumo, que lhe confere o encanto da novidade. A arte como um domínio separado só foi possível, em todos os tempos, como arte burguesa (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 74).

Partindo deste enfoque, se pode inferir desta discussão que o homem na atualidade perdeu sua autonomia e sua liberdade de escolha. Esse tipo de determinação imposta à sociedade busca tão somente institucionalizar o processo de alienação das pessoas. Isso se dá através de instituições que cumprem o papel mediador do modelo hegemônico, desviando a consciência crítica da sociedade. Em outras palavras, a indústria cultural exerce fortíssima pressão coercitiva na formação



cultural das pessoas. Isso, segundo os autores, começa logo nos primeiros anos de vida, estendendo-se ao longo de sua existência. E, se são as instituições os grandes veículos de alienação das massas populares, para os autores esta problemática deveria chegar à educação, numa perspectiva de formação política crítica do indivíduo, ou, no dizer de Adorno, seria a educação para emancipação.

Com efeito, esta proposta de educação sofre sérias resistências dos indivíduos, porque, como já foi dito, ao começar sua jornada educativa o homem já é portador de alguns saberes obtidos através dos vários canais de comunicação de massa. Esta exposição diária cumpre a tarefa de modelar a consciência dos sujeitos, de modo que as estruturas pensantes sejam levadas a internalizar a ideologia dominante como algo natural. Decerto, por este viés, a questão da educação em Adorno está centrada em:

[...] procura demonstrar a inviabilidade tendencial da formação pela socialização da semiformação; as dificuldades da formação da subjetividade autônoma pela via da educação e da cultura nos parâmetros da sociedade burguesa, sem o apoio de uma crítica objetiva da própria formação social (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 24).

Portanto, na visão dos autores, há mais um distanciamento, por parte da educação, de seus reais propósitos, que seriam, segundo eles, desenvolver o completo conhecimento, facilitando a prática reflexiva e crítica. A educação na contemporaneidade certamente se coloca à disposição do aparelho ideológico burguês, com o real objetivo de preservar a hegemonia da indústria cultural. Neste sentido, o que se percebe é uma crescente ideia de transformar a educação num simples produto pedagógico a serviço da "semiformação". Em síntese, para Adorno e Horkheimer (2006), a desagregação de uma perspectiva auto reflexiva como consequência deste modelo de educação invalida a atuação autônoma do sujeito na sociedade.

Partindo das premissas já estudadas, encontra-se em Adorno uma negativa de qualquer fórmula ou modelo idealizado de educação. Entendia o autor que a utilização de modelos preconcebidos e prescritos através de atitudes autoritárias bloqueia a percepção autônoma e reflexiva do sujeito. Por esta linha, ele vai se colocar radicalmente contra a educação enquanto instrumento de massificação cultural.

Algum tempo atrás, além de questionar com muita propriedade esta ideologia dos modelos ideais em sua conferência "A caminho de novos ideais", Georg Picht também tornou claro que hoje em dia a educação já não pode ser uma educação voltada a determinados modelos ideais. Aqui anunciar-se-ia uma inflexão decisiva

na pedagogia moderna. Eu diria que atualmente a educação tem muito mais a declarar acerca do comportamento no mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais preestabelecidos. Pois se não fosse por outro motivo, a simples e acelerada mudança da situação social bastaria para exigir dos indivíduos qualidades que podem ser designadas como capacitação à flexibilidade, ao comportamento emancipado e crítico (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 139-140).

Em conclusão, a partir desta citação de Adorno fica evidente como ele pensa a educação. Para o autor, a educação não poderia ser concebida por modelos e técnicas engessadas e massificadas, como é a prática da indústria cultural, que acaba por impor ideias de verdades alimentadas pelo mercado de produção em massa de bens culturais. Mas, sim, enxergar a educação como algo dinâmico e dialético, que se reinventa sintonizada com a própria dinâmica histórica de cada civilização, de cada sujeito.

## **Conclusão**

Os aspectos da reflexão filosófica de Theodor W. Adorno sobre a educação na sociedade moderna, apontam para discussões de argumentos emancipatórios, ou seja, argumentos por onde se possa construir uma “educação política”, uma educação que ao mesmo tempo, cumpre função decisiva em denunciar toda uma produção em massa de bens culturais, e, ao mesmo tempo, seja instrumento na formação de consciências críticas no sentido de conter os modelos imperativos de submissão. Posicionando-se contrária à lógica imperativa do capitalismo, alertando sobre as armadilhas ideológicas presentes no ideal totalitário burguês de dominação que retira do sujeito a liberdade de pensar e agir, massificando e tornado mercadoria de simples consumo a cultura.

Consiste, deste modo, em uma educação que busque desenvolver nos sujeitos consciência crítica e reflexiva, livres para compreender sua vinculação direta com a formação histórica da cultura de onde são resultantes, e, a partir daí, posicionar-se de forma autônoma e soberana. Negado o modelo imposto pela burguesia, onde apresenta os fatos pelo viés determinista irremediável. Será nesta perspectiva que Adorno pensa a educação. Uma educação como produtora de consciências emancipadas e autônomas. Próximo ao estado da maioria kantiana, em que o indivíduo adquire sua capacidade para decidir por si próprio, sem se deixar manipular por ideologias externas à consciência pura.

## Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, T.W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ADORNO, T.W. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARANHA, M. L. A. *História da educação e pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2014.
- COTRIM, G. FERNANDES, M. *Filosofar*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus. 2004.

Recebido em: maio de 2024.

Parecer em: maio de 2024.

Publicado em: junho de 2024.